



MERCADO CADA VEZ MAIS ANIMADO

Estima-se que **três longas animados derrotem** filmes de carne e osso no **pódio da bilheteria de 2026**, num momento em que **o setor ocupa** festivais e o Oscar **com títulos multiculturais**. Páginas 2 e 3



Divulgação



Divulgação

A animação chinesa 'Ne Zha 2 - O Renascimento da Alma' ultrapassou US\$ 2 bilhões em ingressos

Animar é um negócio dos bons

Em ton noir, Hopps e Nick investigam por que répteis estão clamando seus direitos em 'Zootopia 2'



Nintendo and Illumination

Os encanadores Luigi e Mario voltam às telonas



Pixar

'Toy Story', uma saga que conquistou adultos crianças, chega à sua quinta produção

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

O filme de maior bilheteria entre todos os longas-metragens concorrentes ao Oscar de 2026 não integra a categoria de Melhor Filme ou Direção, pois está na seara da animação: “Zootopia 2”. Seu faturamento está em US\$ 1,8 bilhão. É o segundo filme dos EUA de maior receita desde a pandemia, perdendo apenas para “Avatar: O Caminho da Água”, que lucrou US\$ 2,3 bilhões lá em 2022. Em tons de policial noir, a nova aventura da coelha Hopps e da raposa Nick só perdeu o posto de maior bilheteria de 2025 para um concorrente, por acaso, também animado: “Ne Zha 2 – O Renascer da Alma”, da China, que faturou US\$ 2,2 bilhões, consagrando-se como a quinta maior renda da História do cinema em venda de ingressos. Esses números redefinem o mercado.

Sabe-se que há muito realizador de peso na seara do live action para lançar trabalhos inéditos até dezembro. Steven Spielberg faz contato imediato com ETs em “Dia D”; Christopher Nolan evoca Homero em “A Odisseia”; e os irmãos Joe e Anthony Russo contam com Robert Downey Jr. na armadura do Doutor Destino em “Doomsday”, da franquia “Vingadores”. Apesar disso, há quem estime que as três maiores arrecadações de 2026 serão de animadoras/es: “Super Mario Galaxy: O Filme”, que sai em 21 de abril; “Toy Story 5”, que ficou para 18 de junho; e “Minions & Monstros”, que estreia

em 2 de julho.

O encanador Mario volta agora cheio de moral depois de seu primeiro longa ter faturado US\$ 1,3 bilhão, em 2023. Buzz Lightyear e o xerife Woody também retornam com fome de sucesso, assim como os Minions do malvado favorito, o vilão bondoso Gru.

Essa trinca será antecedida por outro aspirante a arrasa-quarteirão, gestado sob o selo Disney: “Cara de Um, Focinho do Outro” (“Hoppers”), que estreia na semana que vem. A protagonista, Mabel, é uma jovem que ama e protege a natureza. Para impedir que um bosque que



'Cara de Um, Focinho de Outro', mais uma aposta peso-pesado da Disney/Pixar



Espermagedom aquece as turbinas para ser um dos destaques do semestre



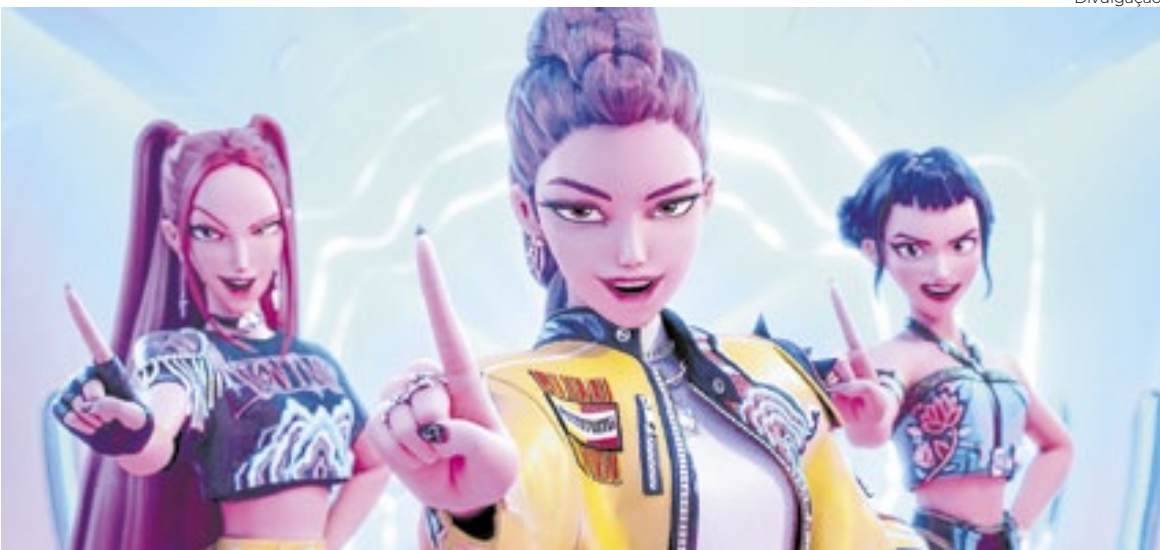
'Minions & Monstros' aposta na irreverência da Illumination

abriga os animais seja destruído, ela transfere sua mente para um castor robótico realista. Infiltrada no mundo selvagem, Mabel une forças aos bichos em prol da ecologia.

A Disney arrecada bonito, sempre, mas não anda vivendo a melhor das épocas em termos de reconhecimento, nas premiações do cinema. O Oscar deste ano, a ser entregue no próximo dia 15, reconheceu a rentabilidade de "Zootopia 2", ao incluí-lo entre os concorrentes, mas não tem dedicado muita atenção ao estúdio de Mickey Mouse, mesmo tendo nomeado outra joia de lá, a sci-fi "Elio", que foi um fiasco comercial. A Meca hollywoodiana parece estar mais encantada com os temperos sul-coreanos de "Guerreiras do K-Pop".

Estima-se que ele vá repetir na cerimônia da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood o mesmo resultado que teve no Globo de Ouro, onde levou estatuetas de Melhor Animação e Melhor Canção, dada a "Golden". O êxito popular do longa na Netflix assegurou-lhe a atenção dos votantes de premiações de peso nos Estados Unidos como o Annie Awards.

Seus dois rivais de maior relevo



'Guerreiras do K-Pop' é o favorito ao Oscar de animação, no dia 15 de março

'A Sapatona Galáctica' ganhou o Teddy na Berlinale de 2025 e segue em cartaz no Rio desde o carnaval

no Oscar têm espinha dorsal francófona e estão a caminho das salas brasileiras, ampliando o espaço para desenhos e computação gráfica em nosso circuito onde o épico bíblico "Davi – Nasce Um Rei" não cessa de fazer retórica desde janeiro, sem arredar pé dos multiplexes. O primeiro concorrente forte de "Guerreiras do K-Pop" a chegar aqui, neste fim de semana, é "Arco", de Ugo Bienvenu. Com passagens pela Guatemala, pelo Chade e pelo México em sua formação artística como ilustrador e cineasta, Bienvenu mira num amanhã catastrofista. Arco, de 12 anos, vive no ano 2932, num futuro distante onde é possível viajar no tempo através do arco-íris. Durante seu primeiro voo solo num mar de cores, ele sai da rota e, acidentalmente, acaba no ano 2075. Lá, ele conhece Iris, uma jovem cujo mundo está marcado pelas mudanças climáticas, com cidades cobertas por cúpulas, temerosas de um colapso ambiental. Iris ajuda Arco a navegar por esse tempo desconhecido. Sua venda de tiquetes não foi das mais expressivas, beirando os US\$ 5 milhões, mas sua fortuna crítica é das mais ardorosas, desde sua exibição em Cannes.

ENTREVISTA | ALLAN DEBERTON

CINEASTA

‘O Brasil precisa se conectar com ele mesmo!’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

O cearense Allan Deberton passou a ser tratado como “promessa” depois que seu “Pacarrete” levou um balde de Kikitos para Fortaleza no Festival de Gramado de 2019, atraindo olhares como o do ator Lázaro Ramos, que se interessou em filmar com o cineasta. O interesse se concretizou na forma de “Feito Pipa”, uma “Sessão da Tarde” padrão delícia (mas recheada de debates de cunho social e existencial), que leva o realizador a mudar de status. Tratado como “promissor”, ele agora virou “certeza”. A consagração, em âmbito internacional, veio com a conquista do troféu Urso de Cristal na 76ª Berlinale, no último dia 21. Foi uma vitória histórica para o país, neste ano em que 13 títulos com o Brasil no DNA passaram pela capital alemã.

“Feito Pipa” é um tocante exercício autoral. A busca por aceitação faz de Deberton um diretor autor. O que há para ser aceito fica na conta do personagem de Lázaro, que resgata, enfim, uma plenária europeia à altura da que o aplaudiu em “Madame Satã” (2002), agora num papel coadjuvante, que o astro baiano levanta com majestuosidade. Gugu (Yuri Gomes), de 11 anos, é o personagem central, numa trama que dribla a homofobia e o terror do Alzheimer e faz gol na trave da inclusão.

Na trilha para adolecer, Gugu, moleque bom de bola como poucos, cresceu sem mãe, sob a cumplicidade da avó, Dilma (Teca Pereira, num quindim de atuação), que não tá nem aí para o fato de o guri se identificar com a cultura queer. Ama-o seja lá sob que bandeira ele estiver. Já o pai do guri, Batista (vivido por Lazinho), encasqueta com os modos do filho, quando precisa tomar conta dele, ao notar que a guardiã da criança está com sinais de demência.

Deberton cria um “Don Quixote” mirim, ciente de que seu Cavaleiro da Alegre Figura sonha com um Nordeste de tolerâncias. Na entrevista a seguir, ele enfrenta os moínhos de vento do preconceito e celebra a força audiovisual de seu estado.

De que maneira o Urso de Cristal pode pavimentar um novo trilha para a sua obra e para o Ceará nas telas?

Allan Deberton - Receber o Urso de Cristal é um marco imenso para a minha trajetória, mas eu o sinto também como um gesto simbólico para o cinema feito no Ceará. Ele ajuda a abrir escuta para outros projetos, outros realizadores, outras narrativas do Nordeste e do Brasil adentro. Espero que isso fortaleça a percepção de que o cinema brasileiro é realmente muito rico. Quanto mais chances de ele ser descoberto e ser assistido, melhor. Vivemos um momento de festa, mas o trilha já vinha sendo pa-

vimentado por muita gente. No Ceará, há faculdades de cinema, pois tem uma política cultural atuante. Há conexões possíveis e parcerias que fazem a diferença! No nosso caso, por exemplo, somamos força de produção com a Biônica Filmes, após uma provocação linda do Projeto Paradiso. O Brasil precisa se conectar com ele mesmo!

Qual foi o maior aprendizado que Berlim já te trouxe nessa onda de sucesso internacional?

Com “Pacarrete”, por exemplo, escutei muita gente do mercado dizer que o filme era “regional demais”, apesar de repercutir nos festivais e atrair o público.



Allan Deberton com o Urso de Cristal da Berlinale conquistado com seu ‘Feito Pipa’

“O objetivo era falar menos de rótulo e mais de possibilidade. É sobre permitir que uma criança exista com liberdade, sem ser corrigida o tempo inteiro pelo olhar do mundo”

Não dei muita bola. Escuto por aí que as coisas têm mudado: quanto mais local e verdadeiro um filme é, mais ele pode emocionar. Isso pode parecer uma frase pronta, mas eu vivi isso de

forma muito concreta agora. O outro aprendizado é entender que o cinema brasileiro está sendo olhado com muita atenção. Existe curiosidade real sobre as nossas paisagens, nossos afetos,

nossas contradições. E isso pede da gente ainda mais rigor, mais coragem e mais confiança na nossa própria linguagem.

De onde você vem no Ceará, onde estabeleceu seu núcleo de produção e que cenário de criação se encontra lá?

Eu nasci em Russas, no interior, onde filmei meu primeiro curta (“Doce de Coco”) e também meu primeiro longa (“Pacarrete”). Sou formado em Cinema na Universidade Federal Fluminense, quando ainda não tinha faculdade de cinema no Ceará. Por sorte, hoje, no Ceará, tem diversos cursos de nível superior na área. Tem cursos rápidos ótimos, como o do Porto Iracema e Vila das Artes. Moro em Fortaleza há diversos anos e é onde minha produtora tem sede.

O que o termo queer, usado para definir “Feito Pipa”, carrega de mais inclusivo e de mais libertador?

O objetivo era falar menos de rótulo e mais de possibilidade. É sobre permitir que uma criança exista com liberdade, sem ser corrigida o tempo inteiro pelo olhar do mundo. O filme não quer explicar o Gugu, mas acompanhar o jeito natural dele, sua imaginação e sensibilidade. O problema é de quem não o compreende. O que há de mais inclusivo nisso é justamente a recusa em simplificar os estereótipos. É tudo tão complexo.

Como o teu Gugu, o Yuri Gomes, foi descoberto?

O Yuri foi uma descoberta muito bonita. A gente buscava um menino que tivesse verdade, presença e uma força interna muito particular, alguém capaz de carregar delicadeza e intensidade do personagem, ao mesmo tempo. Dentre umas 700 crianças, ele apareceu, vindo de Salvador. O Gugu precisava existir antes de “interpretar”. Luciana Vieira (diretora de elenco) e Andréa Pires foram parte fundamental para ajudá-lo com esta tarefa.

Em que pé está “A Adoção”, com quem é e quando estreia?

“A Adoção” é meu próximo longa e ainda está sendo rodado. Conta uma história inspirada em sentimentos reais, muitos deles de uma experiência própria com o tema. A previsão é finalizar este ano para estrear em 2027. No elenco: Vinícios de Oliveira, Hermila Guedes, Thainá Duarte, Tânia Maria, Aline Marta Maia, Fátima Macedo e Claudio Jaborandy.



Neon

Sergi López vive um pai numa cruzada desesperada pela filha em 'Sirât', de Oliver Laxe, que venceu o Prêmio do Júri de Cannes

Na rave da transcendência

Ganhador do Prêmio do Júri de Cannes, indicado a dois Oscars, 'Sirât' se consagra como cult, apesar das falas polêmicas do diretor Oliver Laxe, que renova a filmografia espanhola

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Embora já não disfrute do afeto nacional em sua plenitude, depois de ironizar em entrevista a forma passional que a população brasileira tem de torcer, o galego Oliver Laxe tem chances de virar o jogo duplamente, em prol da Espanha, na corrida pelo Oscar de 2026 com "Sirât", uma experiência narrativa com fôlego para imortalizar seu nome no imaginário cinéfilo global. Título de abertura da última Mostra de São Paulo, coroado com o Prêmio do Júri em Cannes, o longa estreia neste fim de semana em salas de exibição do Brasil concorrendo à estatueta de Melhor Filme Internacional (contra o nosso "O Agente Secreto") e Melhor Som na festa da Academia de Hollywood, agendada para 15 de março.

Orçada em 6,5 milhões de euros, essa jornada pelo deserto regada a música eletrônica e desespero tem 32 láureas em seu currículo e um faturamento em bilheteria estimado em US\$ 10 milhões. Virou cult logo que bateu na tela da Croisette

e arrebatou fãs por onde é projetado, mesmo quando Laxe fere suscetibilidades. "Como dizia Pasolini: o público se alimenta da liberdade dos outros. Sou livre, pois consigo me conectar à minha essência e sei que o fracasso me faz crescer, o que talvez não signifique um grau pleno de autonomia para os padrões de uma sociedade agrilhoada ao medo, ao ego e à ambição. No Marrocos, onde construí parte do meu cinema, ouve-se muito: 'Viemos de Deus e voltamos a Deus'. Filmo atento a esse princípio. Minha prática artística é espiritual", disse Laxe ao Correio da Manhã no Festival de Marrakech, onde sua produção teve passagem fora de concurso. "A dignidade me norteia, pois espero morrer dignamente em meu ofício".

Desde sua primeira exibição mundial, no dia 15 de maio, nas telas de Cannes, tendo os irmãos Agustín e Pedro Almodóvar entre seus produtores, "Sirât" ganhou status de "filme obrigatório" por apostar num casamento de transcendência (na mais pura metafísica) e invenção formal ao falar de perdas e reconfigurações. É político em sua radiografia da falta de pertencimento entre as populações da Europa que



Rodrigo Fonseca

“Como dizia Pasolini: o público se alimenta da liberdade dos outros. Sou livre, pois consigo me conectar à minha essência e sei que o fracasso me faz crescer, o que talvez não signifique um grau pleno de autonomia para os padrões de uma sociedade agrilhoada ao medo, ao ego e à ambição”

OLIVER LAXE

não se rendem a regras históricas do capitalismo. Tratado como um dos favoritos à Palma de Ouro de 2025 desde sua projeção inicial, deixou a Croisette sob a bajulação da crítica e

correu por eventos de respeito como o Festival de San Sebastián. Passou por lá feito um trator, com a força que ganhou depois de ter sido escolhido pela Espanha como seu repre-

sentante oficial na corrida por uma vaga na briga pelo Oscar. É parte de uma leva de títulos espanhóis de profundo impacto, como "Roma-ria", de Carla Simón; "Minha Amiga Eva", do campeão de bilheteria Cesc Gay; e "Surda", de Eva Libertad, que brilhou na Berlinale.

Ao fim de Cannes, uma enquête organizada pelo jornalista Christian Blauvelt, para a revista "IndieWire", com 48 críticos estrangeiros, elegeu-o como "O" melhor de Cannes, incluindo "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, em quinto lugar em seu pódio. Laxe também foi citado na votação de Melhor Roteiro. Depois de ter interrompido um ciclo de longas filmados em terras marroquinas ("Mimosas"; "Todos Vós Sodes Capitáns") para filmar "O Que Arde" (Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard de 2019) na sua Galícia natal, Laxe retornou aos desertos do norte da África para um périplo que começa numa micareta de música bate-estaca e passa por um chão de minas explosivas, numa triagem de violências históricas. Insiste, contudo, que sua mirada não é de desesperança, mas, sim, de aliança. "Parece que temos um horizonte duro, mas ele, no fundo, é protetor, o que exclui a solidão, sempre estamos acompanhados. O filme mostra que quando o indivíduo se fratura ele se instaura num lugar do coletivo", disse o realizador ao Correio da Manhã em Cannes.

Capaz de ser radical e melífluo ao mesmo tempo, numa realização ousada, "Sirât" é batizado em referência a um percurso de fé: "Esse nome se refere ao caminho que liga o Inferno ao Céu, como se fosse um espaço de transformação", disse Laxe na coletiva de Cannes.

Tudo começa com uma rave no Marrocos, num espaço desértico de rocha e areia. Amalgamada à fotografia de Mauro Herce, a engenharia de som consegue transportar o público para aquela paisagem numa fricção sinestésica. Na trama de "Sirât", um pai (Sergi López) e o filho chegam a uma rave perdida nas montanhas do sul do Marrocos. Eles estão à procura de Mar – filha e irmã – que está desaparecida há vários meses numa dessas festas intermináveis. Imersos na melodia tum-tum-tum e numa liberdade crua que lhes é estranha, distribuem incansavelmente a foto dela à espera que alguém a reconheça. A esperança vai-se esvaindo. Eles perseveram, apesar disso, e seguem um grupo de ravers para uma última festa nas montanhas. À medida que se aprofundam na imensidão escaldante, a jornada leva-os a confrontar limites.

"Aprendi com as culturas árabes que viver é recordar... é relembrar nossa condição divina e, ao mesmo tempo, esquecê-la. Por isso, 'Sirât' fala da perda", explica Laxe. "Ser humano é perder desde o primeiro dia: saúde, tempo, pessoas. Fizemos o filme conectados com essa dor. Não digo isso de forma dramática: é uma necessidade para encontrar equilíbrio".

Enquanto Cannes não divulga as atrações de esperada 79ª edição, a Bergamo Film Meeting encampa a tarefa de agitar a indústria dos festivais, com títulos inéditos e esquadra autoral



Supernatural

Atalho para a Itália



Porte Bagage

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Terminada a 76ª Berli-nale, encerrada no dia 22, com a entrega do Urso de Ouro à produção metade turca, metade alemã “Yellow Letters”, os horizontes da indústria dos grandes festivais internacionais passam a vislumbrar Cannes, na Côte d’Azur, como seu próximo Olimpo, a abrir atividades no dia 12 de maio. Antes, entretanto, alguns eventos de relevo tamanho M hão de mobilizar a Europa, Américas e a África, com competições de longas estreantes e a celebração de vozes autorais veteranas.

A Ásia ataca nessa frente só no segundo semestre e o Novíssimo Mundo, via Austrália, entra em cena ali por junho, com eventos em Sydney. A vitrine europeia da vez, agendada de 7 a 15 de março, é a Bergamo Film Meeting, na Itália. Suas diretoras artísticas, Annamaria Materazzini e Fiammetta Girola, amalgamam novidades de diferentes cantos do Velho Continente para agitar o balanço anual das descobertas que brotam da Eslovênia, da Grécia, da França, da Península Ibérica, de

FILMES DA COMPETIÇÃO OFICIAL

- ✱ “Maricel”, de Elias Demetriou (Chipre/ Grécia)
- ✱ “Porte Bagage”, de Abdelkarim El-Fassi (Holanda)
- ✱ “Subsuelo”, de Fernando Franco (Espanha/ Uruguai)
- ✱ “Hidden People”, de Miha Hocevar (Eslovênia)
- ✱ “L’Étrangère”, de Gaya Jiji (Bélgica)
- ✱ “Les Braises”, de Thomas Kruithof (França)
- ✱ “The Frog and the Water”, de Thomas Stuber (Alemanha)



Silent Friend

terras germânicas. A BFM, como é chamada, é um misto de mostra competitiva e fórum de debates que nasceu em 1983, em solo italiano, para celebrar passado, presente e futuro da produção audiovisual e propor um balanço das tendências

culturais do presente. Xamanismo é uma delas, em foco no primeiro dos longas a ser exibido: o espanhol “Supernatural”, de Ventura Duralll, sobre um curandeiro que tem um filho médico. Logo na sequência, será projetado um dos títulos da dis-

puta oficial: o belga “L’Étrangère”, de Gaya Jiji.

Muitas retrospectivas compõem a safra da BFM e uma das mais esperadas deste ano envolve a projeção do festejado “Franz Antes De Kafka” (concorrente da Concha de Ouro do Festival de San Sebastián de 2025), da polonesa Agnieszka Holland. Pérolas da obra dessa septuagenária artista serão projetadas, como “O Jardim Secreto” (1993) e “O Segredo de Beethoven” (2006), mas a grande expectativa de sua homenagem cerca sua narrativa experimental sobre Kafka (1883-1924), com o bailarino Idan Weiss no papel central. O roteiro acompanha a marca que o autor de “A Metamorfose” deixou no mundo, desde seu nascimento na Praga do século XIX até sua morte na Viena pós-Primeira Guerra Mundial.

“Quando adolescente, eu era mais intelectualizada do que sou hoje e li Kafka quando tinha uns 14, mas eu percebo que ele vem e volta, mostrando-se mais atual do que nunca em meio às trevas que se espalham pelo mundo hoje”, afirmou Agnieszka ao Correio da Manhã, em San Sebastián. “Quem tem dor não pensa em política, mas a política pensa naqueles que fazem doer, ine-

vitavelmente”.

Outros dois realizadores de pátrias distintas que terão suas obras revisitadas na BFM serão a húngara Ildikó Enyedi (na esteira do lançamento de seu novo trabalho, “A Amiga Silenciosa”, que ganhou o Prêmio da Crítica no Festival de Veneza) e o holandês Alex van Warmerdam, conhecido no Brasil por “Borgman” (que concorreu à Palma de Ouro de 2013). No campo do resgate de mestres que já se foram, Anna maria e Fiammetta prepararam um “muito obrigado” a um dos maiores campeões de bilheteria da França: Louis Germain de Funès de Galarza (1914-1983). Ele foi comediante de lotar salas de exibição. Apesar de parte considerável da crítica ter menosprezado a sua estética de chanchada, o astro de “As Loucas Aventuras do Rabbi Jacob” (1973) e “O Trouxa” (1965) marcou seu nome na História à força de milhões de ingressos vendidos. Só um de seus trabalhos mais famosos, “A Grande Escapada” (1966), vendeu 17,2 milhões de tíquetes. Filho de imigrantes espanhóis, De Funès formou-se inicialmente em teatro e música: entusiasta do jazz, trabalhou extensivamente como pianista em bares parisienses durante os anos da guerra. Sua educação musical influenciou profundamente seu estilo de fazer rir, que nunca deixou a crítica de costumes de lado.

Ao analisar o que se faz hoje no ambiente autoral do cinema, a BFM armou ainda um programa invejável de animações, com filmes como “Contradiction of Emptiness”, de Irina Rubina (Alemanha) e “Les Bottes De La Nuit”, de Pierre-Luc Granjon (França). O evento vai até o dia 15 de março.

CRÍTICA TEATRO | CREDORES

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A preservação da
qualidade

O teatro estrutura-se na repetição e a manutenção de um grupo que não abre mão de depurar a cena, de apresentar à audiência com a melhor dramaturgia mundial, é um alento para os amantes dessa arte milenar. Há 46 anos o Grupo Tapa – de origem carioca, desde 1986 em São Paulo – investe no teatro de repertório contabilizando inúmeros espetáculos da maior relevância para a produção cultural brasileira. Enquanto companhias teatrais deterioram-se, o individualismo e a economia vem corroborando para montagens solo, focadas muitas vezes num valor autobiográfico, ou ainda com carpintarias dramáticas inócuas, o Tapa permanece na mesma linha criativa de sempre.

Capitaneado pelo diretor Eduardo Tolentino de Araújo, um dos melhores, fez do seu grupo um dos mais longevos coletivos teatrais do país, sedimentando-se pela confluência de autores como William Shakespeare, Anton Tchekhov, Bernard Shaw, Tennessee Williams, Oscar Wilde, Luigi Pirandello, Nel-

son Rodrigues, entre outros. Jamais esqueço a força cênica de “Rastro Atrás”, de Jorge Andrade, outra pérola do grupo.

August Strindberg, um dos precursores do teatro moderno mundial, impressiona com a atualidade de seu “Credores”, escrito no final do século XIX. Num embate entre um triângulo amoroso, o texto descava a discussão conjugal, os desejos reprimidos, o acerto de contas, a persuasão, a vingança. E a encenação de Tolentino abarca com fluidez toda a tensão psicológica, na qual o dramaturgo sueco esmerou-se. O diretor desenha com extrema limpeza, equaliza seu elenco, debruçando-se na palavra como força motriz do espetáculo, elucubra sua viagem cênica tomando liberdades em acrescentar novos espaços, uma música brasileira entoada pela atriz, cria uma quarta personagem, servindo-lhe como contrarregra e sedutor do papel feminino, além de desvelar o ato teatral aproximando o público com uma luz precisa – e delicada em outros momentos – do próprio grupo.

O impacto dialogal é fruto de

um elenco afinado. André Garolli passeia com sabedoria entre a indução de seu Gustavo enquanto finge ser amigo de Adolfo, ganhando ainda mais força ao deparar-se com sua ex-mulher. Bruno Barchesi conduz com sensibilidade a fragilidade de seu Adolfo, reverberando angústia. Sandra Corveloni imprime charme e elegância à sua Tekla, costurando com eficiência seu jogo com as personagens masculinas. E Felipe Souza possui uma corporalidade marcante, executando com rigor o que lhe foi atribuído.

Cenário, figurino e luz, do grupo, dialogam adequadamente. Com funcionalidade, módulos de madeira compõem uma sauna e espelhos são articulados de modo que atores sejam revelados por vários ângulos, além de desmistificar o realismo evidenciando a plateia, ampliando a teatralidade. Tolentino já havia usado esse recurso no seu “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues. Os figurinos, em tonalidade clara, contrapõem e refletem todo o balaio de sujeira que as personagens percorrem. “Credores” é mais um acerto do Tapa!



‘Credores’, de Strindberg, é mais um dos acertos do teatro de repertório do Grupo Tapa

SERVIÇO
CREDORES

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)
Até 8/3, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

N A R I B A L T A

POR A F F O N S O N U N E S

Bruna Zaccaro/Divulgação



Cuca ressignificada

O Teatro Futuros recebe até 29 de março o espetáculo transmídia “A Cuca”, de Renato Rocha. A montagem ressignifica a figura folclórica: longe da bruxa das cantigas de ninar e do Sítio do Pica Pau Amarelo, a Cuca é apresentada como entidade ancestral de culturas indígenas — guardiã da floresta e elo de transmissão de saber e memória entre gerações. A figura feminina, historicamente demonizada pela cultura ocidental, é reposicionada como elo entre tempos, mundos e linhagens, convocando o passado para imaginar futuros.

Victor Pollak/Divulgação



O sentido de viver

Com direção e atuação de Karen Coelho e Rodrigo Pandolfo, o espetáculo “Coyote”, do premiado autor escocês Eric Coble, fica em cartaz no Teatro Poeirinha até domingo (1). A peça acompanha dois vizinhos solitários em uma metrópole cujas vidas se transformam após a misteriosa aparição de um coio selvagem na escadaria do prédio onde vivem. A partir do encontro com o animal, a operária noturna Melinda e o jovem desempregado Tony tornam-se cúmplices numa experiência que os faz redescobrir o sentido de viver.

Marianne Chamarelli/Divulgação



Deu guerra na cabeça

O espetáculo “A Guerra dos Bichos” encerra temporada no Teatro Ruth de Souza neste domingo (1). Com dez atores e quatro músicos ao vivo, o Grupo Cabaré Incoerente revisita a história da contravenção carioca: o jogo do bicho nos anos 2000, as disputas sangrentas entre famílias tradicionais de bicheiros e a infiltração das milícias nas estruturas sociais da cidade. Humor ácido, dança, performance e cabaré se misturam numa comédia irreverente sobre poder, carnaval e violência — um retrato da tragédia cotidiana do Rio de Janeiro.

SEXTOU! UM RIO DE

SHOW

RED BULL RABISCADA

✳Evento de celebração da autêntica da cultura periférica. Além da competição de dança, é um espaço onde a criatividade e a expressão fluem soltas, conectando os maiores talentos da cena com quem faz do movimento um verdadeiro estilo de vida. Sáb (28), às 20h (abertura dos portões). Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). Grátis

MÁRVIO CIRIBELLI

✳O pianista recebe Rogério Fernandes (baixo) e Sheila Sá (voz) para noite de Sambajazz e Bossa Nova. Dom (1), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

MARK LAMBERT

✳Cantor e guitarrista estadunidense presta tributo ao Simply Red com arranjos originais repletos de personalidade, celebrando os 40 anos da banda. No repertório, "Holding Back the Years" e "Stars", entre outras. Sex (27), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 80

TRUPE LIMOUSINE

✳Banda apresenta a magia do rock dos anos 1960 e 70 com em interpretações que fizeram a cabeça de toda uma geração. Sex (27), às 22h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

RAZOR KIDS

✳A banda portuguesa Razor Kids traz ao Rio ua mistura energética de punk pub-rock. Sáb (28), às 19h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 35 e R\$ 25 (antecipado)

THATI DIAS

✳Acompanhada pelos músicos Diogo Spadaro (guitarra), Matheus (contrabaixo), Francioni Renan (piano) e Helbe Machado (bateria), a cantora apresenta standards do jazz e da Bossa Nova. Sex (27), às 22h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

TEATRO

CÃO

✳Colaboração entre os grupos Clowns de Shakespeare (RN) e Magiluth (PE), espetáculo aborda o trabalho precário. Até 15/3, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro I do CCB (Rua Primeiro de Março 66, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Melina Knolow/Divulgação

Adorável Trapalhão, o Musical



Divulgação

Thati Dias



Divulgação

Razor Kids



Divulgação

Marvio Ciribelli

ADORÁVEL TRAPALHÃO - O MUSICAL

✳A trajetória de Renato Aragão. Até 19/4, qui e sex (19h), Sáb e dom (17h). Teatro Sesc Ginástico (Rua Araújo Porto Alegre, 70). R\$ 60, R\$ 30 (meia), R\$ 15 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

DESFAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

✳Exercício de fricção entre passado e presente questiona o que mudou após o fim da escravidão. Até 22/4, qui a sáb (19h) e dom (18h). Sesc Tijuca (R. Conde de Bonfim, 770). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e gratuito (PCG)

IMAGENS DE UM C(EGO)

✳Dois homens numa sala de espera divergem sobre tudo, das diferenças mais banais às mais profundas. Até 22/3, qui a sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

A COISA

✳Numa sucessão de pesadelos lúcidos, a montagem dividida em três atos opera numa realidade ligeiramente deslocada da nossa. Até 1/4, qua (20h). Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Divulgação

Imagens de um C(ego)



Divulgação

Imagens de um C(ego)



Lua Blanco/Divulgação

A Coisa



Zé de Holanda/Divulgação

Desfazenda - Me Enterrem Fora Desse Lugar



Divulgação

Viva Maurício!

EXPOSIÇÃO

DAR NOME AO FUTURO

✳Pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo. Até 1/3, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

VIVA MAURICIO!

✳Mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra do quadrinista Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e outros personagens. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

✳Panorama da produção recente do paulista Gilberto Salvador, que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos reunidos por temas, conjuntos de linguagens. Até 1/3, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

LIVROPOEMA/POEMALIVRO

✳A mostra apresenta livros de artista criados por Gabriela Irigoyen, que subvertem a estrutura tradicional do livro. Até 1/3, ter a dom 11h às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

INFANTIL

ONOMATOCLOWNS

✳A ação convida pessoas de todas as idades a inventarem diálogos curtos na linguagem das HQs. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

INVENTAMUNDOS

✳Inspirado nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantojovens, laboratório desenvolve a criatividade do visitante. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

Diogo Nogueira celebra duas décadas de carreira com turnê grandioso com orquestra, cenografia de LED e um repertório afetivo

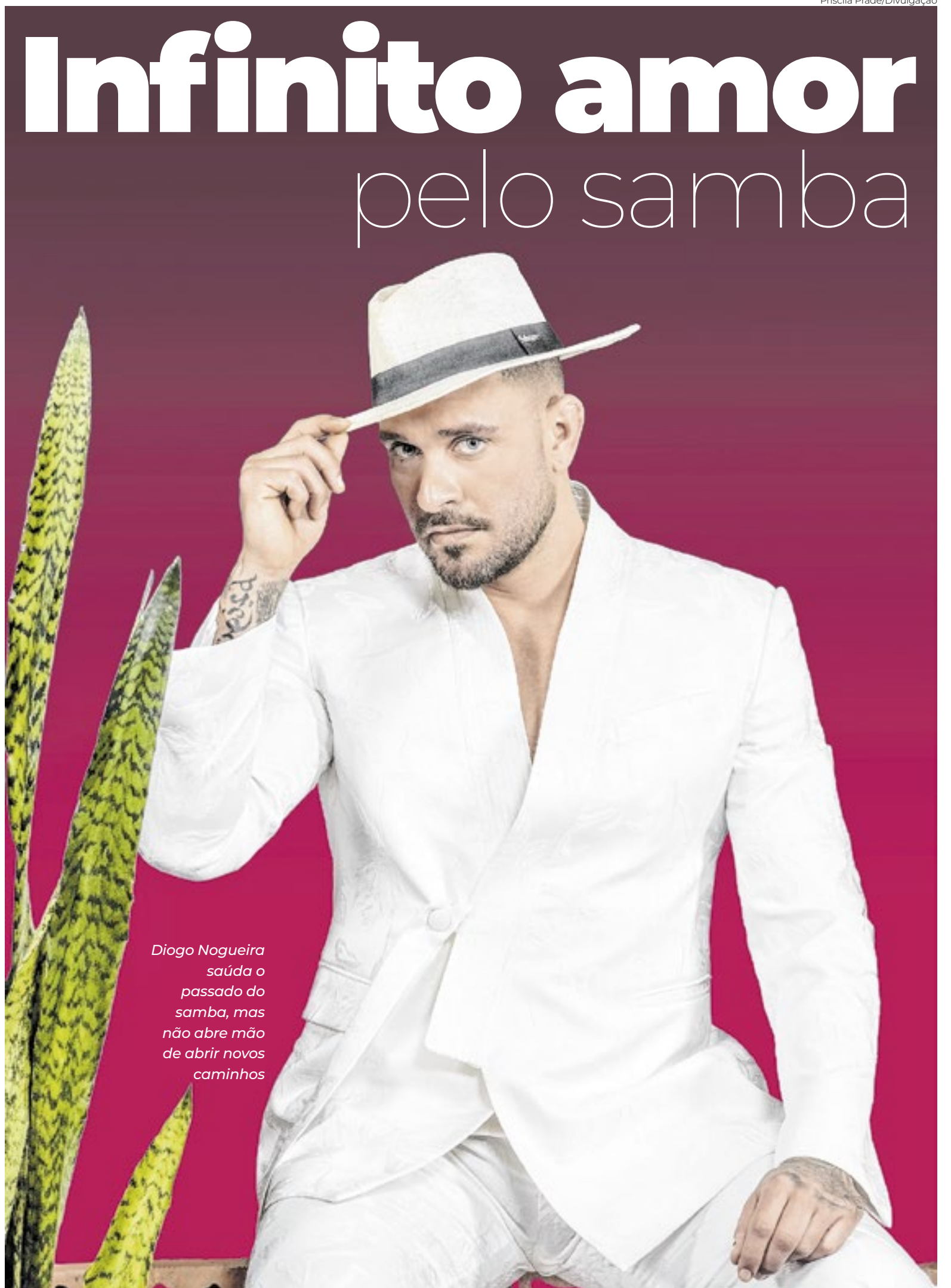
AFFONSO NUNES

Há artistas que escolhem o samba. E há aqueles para quem o samba parece ter sido uma escolha anterior, feita antes mesmo do nascimento. Diogo Nogueira está nessa prateleira. Filho do compositor João Nogueira (1941-2000), cresceu entre versos e batidas que moldariam sua vida. Com 20 anos de estrada, ele estreia a turnê “Infinito Samba” neste domingo (1) no Vivo Rio. O espetáculo reúne banda ao vivo, orquestra, arranjos inéditos e uma proposta cênica construída em torno de arquitetura de LED.

A concepção artística do espetáculo ficou a cargo do diretor Rafael Dragaud, que mergulhou no extenso catálogo de Diogo para construir um roteiro musical que saúda o passado sem saudosismo e também olha pra frente. “A discussão de repertório foi um mergulho tão sentimental e emocional quanto histórico. O samba é tão gigante que é uma espécie de multiverso, capaz de dialogar com todas as dimensões do Brasil”, explica o diretor.

O resultado é um espetáculo dividido em blocos temáticos que percorrem diferentes dimensões do samba — das canções de amor à gafieira, do clima de roda de favela aos clássicos que atravessam gerações. O repertório inclui grandes êxitos da carreira de Diogo, releituras que prestam homenagem às suas influências musicais e novas composições, ainda inéditas ao vivo. Acompanhado por sua banda e uma orquestra de grande porte, o cantor apresenta arranjos construídos especialmente para a turnê, pensados para amplificar tanto a intimidade do samba quanto sua potência coletiva.

A proposta visual de “Infinito Samba” integra cenário, iluminação e figurino com a arquitetura de LED. “Em relação às inspirações, posso dizer que elas são ponto de partida para serem todas misturadas num caldeirão onde o que mais vai determinar os caminhos, as escolhas é a emoção que a música tem que proporcionar. Para mim, os conceitos vão até a página 2 — servem para a gente começar



Diogo Nogueira saúda o passado do samba, mas não abre mão de abrir novos caminhos

“A discussão de repertório foi um mergulho tão sentimental e emocional quanto histórico. O samba é tão gigante que é uma espécie de multiverso, capaz de dialogar com todas as dimensões do Brasil”

RAFAEL DRGAUD

a nossa viagem criativa, mas em determinado momento eles são feitos andaimes. A gente constrói um prédio e temos que tirá-los”, explicou o diretor.

Esta visão se relaciona com a própria trajetória de Diogo Nogueira. Ao longo de 20 anos, o cantor foi ampliando seus horizontes sem abandonar a base — a herança

paterna funcionou menos como peso do que como bússola.

Embora tenha crescido imerso na música, Diogo começou sua trajetória no futebol — por incentivo do próprio pai. Uma lesão no joelho encerrou a carreira esportiva e abriu caminho para o samba. Estreou na música em 2007, aos 26 anos, com grande repercussão — incluindo

uma indicação ao Latin Grammy de Melhor Artista Revelação. Em 2015, o álbum “Bossa Negra” — gravado com Hamilton de Holanda — foi indicado ao Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba/Pagode. Ao longo de 20 anos, lançou uma discografia expressiva marcada pelo samba de raiz, mas que incorpora elementos do pagode, MPB e

até da bossa nova.

Diogo poderia ter se limitado a ser um guardião do legado familiar. Em vez disso, transformou essa herança em ponto de partida para uma obra que conversa com o passado sem se prender a ele. É esse movimento — de enraizamento e abertura ao novo que “Infinito Samba” busca alinhar.

SERVIÇO**DIOGO NOGUEIRA — INFINITO SAMBA**

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 1/3, às 20h
Ingressos: a partir de R\$ 250 e R\$ 125 (meia)

O concreto ainda está RACHADO

Divulgação

Quarenta anos depois, a Plebe Rude chega ao Circo Voador para tocar na íntegra seu aclamado álbum de estreia que fez história no rock brasileiro

AFFONSO NUNES

Brasília, 1981. A ditadura ainda respirava, embora já com dificuldade. No meio desse ar pesado, quatro jovens que ensaiavam covers do Clash decidiram que imitar não bastava — era preciso gritar as nossas coisas, como nosso sotaque. Nascia a Plebe Rude, numa cidade planejada para o poder, por gente que não tinha nada a ver com o poder. Quarenta e cinco anos depois, Philippe Seabra, André X, Clemente Nascimento e Marcelo Capucci sobem ao palco do Circo Voador nesta sexta-feira (27), para celebrar a banda e os 40 anos de “O Concreto Já Rachou”, um álbum marcante do rock brasileiro.

O álbum chegou ao mercado em fevereiro de 1986 com colaborações mais que preciosas: produzido por Herbert Vianna, com press release assinado por Renato Russo e participação de Fernanda Abreu — então ainda no Blitz. A gravadora EMI relutava diante do projeto. Foi Herbert quem a convenceu. O resultado? Disco de Ouro, faixas que viraram hinos de uma geração como “Proteção”, “Até Quando Esperar”, “Minha Renda”

— e uma presença permanente nas listas dos maiores álbuns da história da música brasileira, incluindo a 57ª posição no ranking da Rolling Stone Brasil.

O que faz um disco de 1986 ainda ter o que dizer em 2026? A pergunta é menos sobre o álbum do que sobre o país. “O Concreto Já Rachou” era um diagnóstico de um país adoecido pelo arbítrio. As canções da Plebe eram de protesto, um protesto literal, sem metáforas, sem indiretas. Eram recados explícitos sobre opressão, precariedade e a distância entre o Brasil oficial e o Brasil de verdade. Essa distância não encolheu. O concreto abriu, mas não desabou — e talvez seja exatamente isso que mantém o disco vivo: ele canta uma ferida que ainda dói.

A Plebe Rude nunca foi uma banda de comportamento previsível. Encerrou as atividades em 1994 sem alarde e voltou em 1999 — com a mesma formação original, o que no rock nacional é quase um milagre. Desde então, a banda resiste numa espécie de existência paralela ao mainstream: sem concessões sonoras, sem relançamentos estratégicos, sem feat com quem não tem nada a ver. O show no Circo Voador é a estreia de uma turnê dupla — 45 anos de banda, 40 anos do disco — e o set promete tocar “O Concreto

Já Rachou” na íntegra, seguido de outros clássicos de uma carreira coerente desde o berço, sem concessões. A faixa “Minha Renda” é a que mais sintetiza essa postura questionadora e leibertária da banda ao narrar os impasses entre um artista musical e

sua gravadora.

Toda essa trajetória, marcada por diversos recomeços, pode ser conferida no documentário “A Plebe é Rude”, de Diego Da Costa e Hiro Ishikawa. Co-produzido pelo Canal Brasil, o longa começa em uma Brasília ainda vazia de gente e programação, até se tornar um dos polos geradores de bandas na era do rock brasileiro. Vale a pena assistir.

A noite começa antes, com Fausto Fawcett e Animakina. Cantor, letrista, poeta e artista visual, Fausto construiu nos anos 1980 e 1990 um universo próprio a partir do Rio de Janeiro: o cyber-funk carioca, o spoken word, uma ficção científica de calçada que misturava tecnologia e favela muito antes de isso ser tendência. Animakina é o que ele chama de “um baile futurista e literário, um Baile da Ilha Fiscal da Perturbação Tecnológica” — e o repertório dá conta do

recado, com “Kátia Flávia”, “Rio 40 Graus”, “Santa Clara Poltergeist” e “Androide Nissei” dividindo espaço com crônicas recentes em spoken word. Ao lado de Paulo Beto (sintetizadores), Mari Crestani (vocalis, baixo e saxofone) e Jodele Larcher (audiovisual), Fausto prova que continua sendo um artista em permanente estado de invenção e inquietude.

Entre um show e outro — e depois de tudo — DJ Edinho garante que o rock não pare. Os portões do Circo se abrem às 20h.

SERVIÇO

PLEBE RUDE - O CONCRETO JÁ RACHOU 40 ANOS

Abertura: Fausto Fawcett (Animakina)
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)
27/2, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos a partir de R\$ 80



Coerente desde o início, a Plebe Rude segue sem fazer concessões ao mainstream

Reprodução

Divulgação



A Plebe Rude e seu padrinho Herbert Vianna se divertem nos bastidores da gravação de ‘O Concreto Já Rachou’

Ploc in Rio

O maior evento retrô da América Latina completa 21 anos e se reinventa como festival, reunindo 21 artistas em uma única noite no palco do Qualistage



Banda Ploc

AFFONSO NUNES

Décadas duram exatos dez anos, mas a celebração dos anos 1980 com a Festa Ploc dura bem mais do que isso. Em 2026, quando o evento chega aos 21 anos de existência, a conta já não fecha mais: a Ploc sobreviveu à própria década que celebra — e não sabemos precisar até onde vai. Neste sábado (28), o Qualistage recebe a edição comemorativa em formato inédito: 21 artistas, um único palco, mais de seis horas de música e uma programação de pura nostalgia de um tempo marcante para quem o viveu, mas que consegue atrair as gerações seguintes.

Criada em 2004 por Luciano Vianna, a Ploc tinha objetivo modesto: durar um verão. O que aconteceu depois foi regido pelo acaso ou o projeto era um acerto em potencial? O fato é que o evento sobreviveu e criou vocabulário próprio. Em algum ponto dos anos seguintes, a nomenclatura “festa retrô” foi gradualmente substituído por “festa Ploc”. Hoje são em média 150 edições por ano, com passagens pela América do Norte, Europa e América do Sul, mais de 5 milhões de pessoas na soma histórica e um palco que já recebeu Capital Inicial, Frejat, Nando Reis, Biquini Cavadão, 14 Bis, Flávio Venturini e Ivete Sangalo. “A Festa Ploc já durou mais do que a própria década de 80 — e segue crescendo”, resume Avellar Love, uma das atrações desta edição

comemorativa.

Para os 21 anos, Vianna escalou o projeto verticalmente. O formato festival substituiu a festa convencional, e o line-up reúne pela primeira vez mais de 20 nomes que ajudaram a escrever tanto a história dos anos 1980 quanto a da própria PLOC. Entre as atrações estão as Paquitas Catuxita e Xiquitita, o Trem da Alegria com Luciano Nassyn e Juninho Bill, Banda Ploc, Zé Henrique do Yahoo, Alex Gil do Polegar, Guilherme Isnard do Zero, Vinícius Cantuária, Felipe Dylan, Marcelo Hayena dos Uns e Outros, Rodrigo Saldanha dos Abelhudos, Avellar Love com João Penca & Seus Miquinhos Amestrados, Dr. Silvana & Cia, Fábio Queiroz cantando Lobão no projeto Eu Convidado, o cover da Legião Urbana Mais do Mesmo, Daniel Del Sarto com o Musical Anos 80 — Uma Experiência Ploc, Síndico Du Ben e o DJ DOM LV.

O que une nomes tão distintos numa mesma programação — do pop infantil ao rock de contestação, da MPB ao funk melódico — não é gênero nem sentimento estético. É apenas (e isso é muita coisa) uma camada de tempo compartilhado. Os anos 1980 no Brasil foram uma contradição em movimento: redemocratização e inflação, efervescência cultural e desigualdade estrutural, abertura política e tensão cotidiana. A música que saiu desse período não envelheceu de forma neutra — envelheceu com contexto, memória e identidade coletiva. Ouvir uma canção do Trem da Ale-



Dr. Silvana



Silvinho Blau Blau



Paquitas



“A Festa Ploc já durou mais do que a própria década de 80 — e segue crescendo”

AVELLAR LOVE

gria ou da Plebe Rude extrapola as raiais da nostalgia. É a percepção de que aquele tempo, com tudo que teve de intenso e contraditório, ajudou a formar quem somos.

A Festa Ploc teve o mérito de entender isso e nunca abriu mão dessa característica. “Será a maior celebração dos anos 80 que o Rio de Janeiro já teve. A Festa Ploc virou muito mais do que um evento: ela é um ponto de encontro emocional”, argumenta Vianna.

A edição dos 21 anos ainda carrega um anúncio que projeta a Ploc além das pistas de dança: está em produção um documentário, previsto para 2026, que vai registrar bastidores, depoimentos e arquivos históricos de duas décadas de festa. É o movimento natural de quem percebeu que construiu algo maior do que o evento em si — e quer garantir que essa história seja contada com o cuidado que merece. Afinal de contas, a Ploc diz algo sobre como o Brasil lida com a memória coletiva, sobre o papel da festa como espaço de pertencimento, sobre a diferença entre conservar e congelar. A Ploc não congelou. Reinventou o formato, ampliou seu alcance, cruzou fronteiras e gerações e chega aos 21 anos sem o menor sinal de que pretende parar por aqui.

SERVIÇO

FESTA PLOC - 21 ANOS

Qualistage (Via parque Shopping — Av. Ayrton Senna, 3.000, Barra da Tijuca)
28/2, a partir das 20h30
Ingressos a partir de R\$ 70

Sons de liberdade e transcendência

Acompanhado por trio de cordas, Jonathan Ferr volta ao Manouche combinando jazz e espiritualidade

AFFONSO NUNES

A inquietude artística do pianista Jonathan Ferr volta ao Manouche neste sábado (28) com um projeto que traduz sua obra recente: a busca de uma sonoridade livre das amarras impostas por estilos e com a capacidade de se conectar diretamente com dimensões espirituais. O show “Experiência Cura” reúne composições de três álbuns que marcam a evolução da linguagem musical do artista apresentadas em arranjos para trio de cordas - Sarah Cesario (violino), Camila Pereira (viola) e Lúrian Moura (cello) -,



Divulgação

Jonathan Ferr vem explorando elementos de transcendência espiritual em seus últimos trabalhos

uma formação que o artista experimenta pela primeira vez. O repertório mescla composições autorais e releituras que re-

velam as referências culturais do jovem músico egresso de Madureira. Temas como “Choro”, “Esperança” e “Liberdade” recebem

versões ao estilo spiritual jazz assim como sua vibrante releitura de “Sino da Igrejinha”, canção de domínio público presente nos

cultos de matrizes africanas. Ainda nesta seara, Ferr mostra sua releitura para “Gira Deixa A Gira Girar”, num amocionado tributo ao legado d’Os Tincoãs. A opção de incluir “Hallelujah”, clássico do canadense Leonard Cohen, segue essa proposta de transcendência.

Esse conceito de “curamento” sobre o qual o músico se debruça se relaciona de forma umbilical com seus álbuns “Cura” (2021) e “Liberdade” (2023), trabalhos que consolidaram sua pesquisa em torno do jazz contemporâneo brasileiro com influências de espiritualidade afro-brasileira. O pianista incorpora ao show também faixas de “Lar”, seu mais recente álbum de estúdio, uma investigação musical de questões do povo preto como memória e pertencimento.

Entre um show e outro no Brasil e no exterior, Jonathan Ferr mantém um ritmo intenso de produção e já trabalha em novas composições que integrarão seu próximo disco. Algumas delas serão apresentadas neste sábado.

SERVIÇO JONATHAN FERR - EXPERIÊNCIA CURA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
28/2, às 21h
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia solidária, mediante 1kg de alimento não-precoceável ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

ROTEIRO MUSICAL POR AFFONSO NUNES

Olhar afetuoso sobre a obra de Manduka

Neste sábado (28) o Teatro Rival Petrobras recebe “Com os pés no futuro: 74 anos de Manduka”. A cantora Ilessi e o violonista Diogo Sili homenageiam o compositor Manduka morto em 2004. Participação de Thiago de Mello, irmão do artista. No formato voz e violão, o show reúne composições exclusivas, incluindo inéditas recuperadas de fitas cassete. Às 19h30.



Divulgação

Celso Fonseca vê bossa por toda parte

Defendendo a tese de que a bossa está em toda parte, Celso Fonseca apresenta neste sábado (28), com sessões às 20h e 22h30, o show “Tudo é Bossa”. O músico revisita sua obra autoral ao lado de sua banda, com releituras de clássicos como “Sorte” (Gal Costa e Caetano Veloso) e “Você Não Entende Nada”, além de versões inusitadas como o funk “Ela Só Pensa em Beijar”. O show transita por bossa nova, MPB, pop e jazz.



Divulgação

A banda improvável está de volta

Nesta sexta (27), às 21h, o Audio Rebel recebe o Zumbi do Mato. A banda carioca, que retomou as atividades em 2023 para um show de despedida e surpreendeu a todos em 2024 com o álbum “Bosasova Bova”, apresenta agora “Calma, Juventude”, gravado ao vivo. Com rock sem guitarra, letras inusitadas e performances sem vergonha, o grupo resiste há décadas na cena independente contra todos os prognósticos.



Divulgação

Quarteto revisita clássicos em Copacabana

O Beco das Garrafas recebe neste sábado (28), às 21h, um show dedicado à bossa nova e à MPB. Formado pelo cantor e cilonista Gustavo Martins (foto), Zé Luiz Maia (baixo), Marcio Bahia (bateria) e Marcello Guimarães (piano), o quarteto Bossa Mais interpreta clássicos de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Carlos Lyra, Marcos Valle, João Donato e Roberto Menescal.



Reprodução YouTube

CRÍTICA LIVROS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

A boa vizinhança

As editoras brasileiras fecharam 2025 com a venda de 60,33 milhões de livros, uma receita de R\$ 3,09 bilhões, um crescimento de 7,75% em volume e 8,68% em faturamento comparados ao ano anterior. Até abril, o Rio de Janeiro é a Capital Mundial do Li-

vro, título concedido pela Unesco ao reconhecer a importância dos programas políticos de inclusão social através do letramento e da leitura desenvolvidos pela Prefeitura carioca.

Essas são algumas observações que me vêm à mente quando 2026 oficialmente começa – depois do Carnaval, claro – e recebo novas estantes para acomodar os livros em-

pilhados sobre prateleiras ocupadas por outros, mesas, móveis casa afora. A rearrumação torna-se motivo de desespero, distante da estética decorativa, obedecendo a uma lógica: temática, ordem alfabética, país

de origem dos autores.

E, por culpa das invasões europeias pelo planeta, começam os problemas. Escritores indianos devem ficar perto dos jamaicanos, quando escrevem em inglês? Faz sentido deixar lado a lado Tagore e Marlon James? Outro James problemático é Henry James, novaiorquino fissurado pela Inglaterra, onde viveu

e morreu. Fica com os conterrâneos ou com os ingleses? E Doris Lessing, que nasceu no Irã, passou a infância no Zimbábue até se mudar definitivamente para Londres? A velha dúvida sobre Kafka – fica junto aos tchecos (sim) ou aos austríacos/alemães?

Essas são algumas observações que me vêm à mente quando 2026 oficialmente começa – depois do Carnaval, claro – e recebo novas estantes para acomodar os livros empilhados sobre prateleiras ocupadas por outros, mesas, móveis casa afora. A rearrumação torna-se motivo de desespero, distante da estética decorativa, obedecendo a uma lógica: temática, ordem alfabética, país de origem dos autores. E, por culpa

das invasões europeias pelo planeta, começam os problemas. Escritores indianos devem ficar perto dos jamaicanos, quando escrevem em inglês? Faz sentido deixar lado a lado Tagore e Marlon James? Outro James problemático é Henry James, novaiorquino fissurado pela Inglaterra, onde viveu e morreu. Fica com os conterrâneos ou com os ingleses? E Doris Lessing, que nasceu no Irã, passou a infância no Zimbábue até se mudar definitivamente para Londres? A velha dúvida sobre Kafka – fica junto aos tchecos (sim) ou aos austríacos/alemães?

Nos últimos anos, um novo boom de literatura latino-americana domina as editoras brasileiras, que investem nesse nicho e também em obras de escritores africanos, oriundos das ex-colônias europeias, asiáticos e em mulheres. Nunca se viu tanta mulher publicada em Pindorama, nativas ou estrangeiras. Tenho ganhado ou adquirido muitos livros de autoras que desconhecia, como a haitiana Yanick Lahens, autora de uma preciosa joia: “Banho de Lua” (Bazar do Tempo, R\$ 88,90), que lhe deu o Femina, em 2014, e conta a história da dominação na ilha ao longo de diversas gerações, submetidas aos poderosos “donos” das terras, sem jamais perder os laços de culturas ancestrais. A geografia manda nas prateleiras. O romance de Lahens ficará perto dos livros das magníficas Françoise Ega (nascida na Martinica e radicada na França) e Maryse Condé (de Guadalupe, também expatriada para a França).

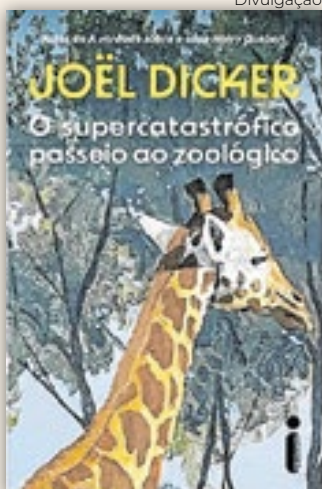
Uma boa vizinhança.

NA ESTANTE

POR OLGA MELLO

O SUPER CATASTRÓFICO PASSEIO AO ZOOLÓGICO

Incurso do suíço Joel Dicker, autor de bons thrillers para adultos, no universo infantojuvenil, é leitura para qualquer idade. Contado do ponto de vista de uma menina que estuda em uma pequena escola para “crianças especiais”, traz o mistério do incêndio criminoso do colégio a ser resolvido pela turma da protagonista. Jamais se diz qual é a característica de cada um desses alunos, transferidos para um dos prédios de uma escola regular. Um menino é claramente autista, outros apresentam pouca interação social, mas todos se animam a descobrir quem atacou o colégio, apesar das limitações impostas a eles pelos protetores pais e professores. E. Intrínseca (R\$ 64,90).



Divulgação

CRÔNICAS ATROPELADAS

Nas rodovias do Brasil, 400 milhões de animais silvestres são atropelados a cada ano, o que equivale a 17 acidentes – boa parte deles fatais – por segundo nas estradas do país. O livro de Vangi Souza, com ilustrações de Artur K'já, relata o trabalho do biólogo Sebastião Silvestre em crônicas que chamam a atenção para as espécies ameaçadas ou com populações em declínio por atropelamentos que poderiam ser evitados. Entre os animais acidentados estão tamanduás, onças, lontras, lobos-guará, bicho-preguiça, felinos e símios. Parte da renda obtida com as vendas do livro será destinada à ONG SOS Vida Silvestre, dedicada à proteção, resgate, reabilitação desses animais e à educação ambiental. Ed. Escrita Fina/ZIT (R\$ 88).



Divulgação

CAPITÃO BLOOD

Na primeira metade do século 20, o inglês Rafael Sabatini dominou o segmento de livros de aventuras de galantes aventureiros – quase todos adaptados para o cinema da época. Aqui vemos Sabatini em sua melhor forma: uma empolgante trama movimentada para contar a transformação de um médico, excelente espadachim, ex-soldado, em pirata bem-sucedido, movido pelo ódio à escravidão de prisioneiros nas ilhas dominadas pelos britânicos no Caribe. Talvez a maior qualidade de Sabatini seja a de seus contemporâneos, como o criador de “Tarzan”, Edgar Ryce Burroughs, cuja leitura não segmentava o público por faixa etária. Ed. Darkside (R\$ 94,90).



Divulgação

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sesc.org.br/cultura
▶ portalsescrj @ sescrj f sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Brinde.
Consciente.

Confira os prazeres do drinque leve e sem álcool



Casa Horto



Carioca da Gema



Broto



Rocco



Kitchin



Jurubeba

Refrescante, aromático e cheio de personalidade, o drinque sem álcool conquista cada vez mais espaço nas mesas e celebrações como uma escolha elegante e atual. Com combinações criativas de frutas, ervas, especiarias e xaropes artesanais, ele entrega complexidade e frescor na medida certa. De alternativa ganhou status de experiência completa, perfeita para brindar bons momentos com leveza e sabor. De olho nessa tendência crescente, confira as sugestões que o Correio da Manhã preparou para você:



Brewteco



Mané

BREWTECO – Entre as opções de drinks sem álcool encontradas no bar está o Tropical (R\$ 22). Uma bebida feita com polpa de maracujá, suco de caju, sour mix e espuma de gengibre, uma mistura levemente cítrica. Já o Fresh (R\$ 20) combina soda de melancia com limão siciliano e hortelã, trazendo leveza e frescor na medida certa para quem busca algo aromático e fácil de beber. Praia de Botafogo, 400 - Botafogo Praia Shopping. WhatsApp: (21) 97251-4483.

BROTO – A pizzeria famosa por seu estilo nova-iorquino e pela massa de longa fermentação, acaba de renovar sua carta de drinks. São oito criações exclusivas e autorais com sabores leves e insumos frescos, que garantem uma experiência etílica envolvente. Entre eles, os mocktails, coquetéis sem álcool, que já se

firmaram como escolha de quem procura experiências mais equilibradas. São duas opções refrescantes: Mclovin (R\$ 28) que leva limão siciliano, abacaxi, shrub de pepino e soda de capim limão e Baby driver (R\$ 28) – soda de frutas vermelha, maracujá, limão siciliano e xarope de amêndoas. Rua Aires Saldanha, 13 – Copacabana. Telefone e whatsapp: (21) 3495-7532.

CASA HORTO – A carta de drinks assinada pela mixologista Jéssica Sanchez, oferece opções sem álcool como as sodas naturais refrescantes da casa, nos sabores abacaxi, gengibre, pitaya e caju (R\$ 18). A outra opção é o Coquetel sem Álcool que é criado na hora para o cliente, podendo ser citrico, frutado, amargo, Intenso ou refrescante (R\$ 24). Rua Pacheco Leão, 696 - Jardim Botânico. Tel: (21) 93618-6310

CARIOCA DA GEMA – O bar apresenta opções refrescantes e cheias de sabor: o Batuque de Maracujá (R\$ 20), feito com maracujá, leite condensado e limão; o No Passo do Morango (R\$ 25), que combina morango, soda limonada e leite condensado; o Mojito Virgem (R\$ 20), com água tônica, hortelã e açúcar; a Alegria Carioca (R\$ 36), mistura de energético, tangerina e gengibre; a Pink Lemonade (R\$ 20,00), preparada com limão, água com gás e granadine; e o Drink Tropical (R\$ 25), que leva energético e fatias de laranja. Av. Mem de Sá, 79 – Lapa. WhatsApp: (21) 98556-0834.

JURUBEBA – No bar do chef Elia Schramm, em Botafogo, a carta de drinks foi criada pela mixologista Paula Diniz e oferece uma seleção de mocktails. Entre as sugestões temos o Patuá (R\$ 18), feito

com suco de maracujá, manjerição, pimenta dedo de moça e arruda; e o Domingas (R\$ 17), com soda de folha de pitanga e abacaxi. Rua Real Grandeza, 196 – Botafogo. Direct: @jurubeba.bar.

MANÉ – Entre os protagonistas da carta de bebidas sem álcool do boteco, o Mané Apaixonado (R\$ 32) conquista logo no primeiro gole. Refrescante, o drinque leva tônica de melancia que se mistura com o manjerição e a acidez do limão. Um toque de tabasco provoca o paladar na medida certa, enquanto o xarope de açúcar equilibra a receita com doçura. A bebida é finalizada com espuma de gengibre. Av. Olegário Maciel, 260 – Barra da Tijuca. Tel: (21) 99901-0104.

ROCCO – No restaurante em Ipanema é possível encontrar be-

bidas como o Genmai Breeze (R\$ 35), Genmaicha é uma combinação de chá verde com arroz torrado, proporcionando um sabor suave e uma coloração amarelo-clara. Este chá é carinhosamente chamado de “chá pipoca” porque alguns grãos de arroz estouram durante a torrefação. O drink leva também cordial de melão e cardamomo, limão siciliano, soda de hortela pimenta e solução ácida. Rua Aníbal de Mendonça, 112 – Ipanema. @roccoipanema.

KITCHIN – No restaurante japonês, localizado no Shopping Leblon, destaque para uma releitura do clássico mojito sem álcool. O Virgin Mojito (R\$ 19) leva hortelã, limão, açúcar e água com gás. Av. Afrânio de Melo Franco, 290, 1º piso – Leblon. Tel: (21) 3190-7166.

Últimas noites de “Lua de Sol” serão em Brasília

Espetáculo encerra na sua cidade de origem turnê nacional de sucesso

Por Mayariane Castro

O espetáculo “Trilhas, Noite Cheia de Lua de Sol” realiza as duas últimas apresentações de sua circulação nacional nos dias 28 de fevereiro e 1º de março, na Sala Martins Pena, do Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília.

A obra, criada no Distrito Federal, retorna à capital após passar por cidades do Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo. Os ingressos estão disponíveis na plataforma Sympla.

Com dramaturgia, direção e atuação de Cláudia Andrade, o espetáculo propõe uma narrativa cênica que articula artes visuais, videoarte e recursos audiovisuais.

A montagem aborda temas como feminino, maturidade, relações de poder, finitude e questões sociais. A artista estreia como dramaturga com a peça, ampliando sua atuação nas artes cênicas. A direção conta com colaboração do professor e diretor João Antônio.

A turnê

Ao longo da circulação, foram realizadas 11 apresentações. A turnê integra o projeto “Resistência nos Trilhos – Remontagem & Circulação”, contemplado pelo Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura e Eco-

nomia Criativa do Distrito Federal (FAC-DF). A iniciativa teve como objetivo ampliar o acesso ao teatro contemporâneo e promover apresentações em diferentes contextos socioculturais.

O espetáculo passou por Ceilândia (DF), no Teatro Sesc Newton Rossi; por Vitória (ES), na Casa da Música Sônia Cabral; por Belo Horizonte (MG), no Palácio das Artes – Teatro João Ceschiatti; e por São Paulo (SP), no Teatro Ruth Escobar – Sala Dina Sfat. Em cada local, foram realizadas ações de acessibilidade, incluindo sessões com intérprete de Libras e audiodescrição.

Além das apresentações, o projeto promoveu atividades voltadas a estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pessoas com deficiência visual e integrantes de iniciativas sociais.

Após cada sessão, o público foi convidado a participar de conversas com as artistas. Em Brasília, a produção sugere a modalidade de meia-entrada solidária mediante doação de leite em pó para a organização Vida Positiva.

Três mulheres

Em cena, Cláudia Andrade interpreta a personagem Gimena e divide o palco com Eloisa Cunha, no papel de Silvia, e Genice Barego, como Gaivota. As três atrizes têm mais de 50 anos.



Peça percorreu o país e retorna para seu berço em Brasília

A remontagem apresentada na circulação resultou de ajustes realizados a partir da recepção do público nas cidades por onde passou.

A encenação incorpora videoarte de Aníbal Alexandre, iluminação de Lemar Rezende e trilha sonora original de Mateus Ferrari. A proposta combina diferentes linguagens e recursos técnicos para compor a narrativa.

O texto que deu origem ao espetáculo surgiu em 2017, durante a oficina Caminhos, conduzida

pelo dramaturgo Maurício Aruda. A montagem contou com consultoria dramaturgica de Fernando Villar, análise técnica e preparação de elenco de Humberto Pedrancini e, na versão atual, colaboração na direção de João Antônio, com trajetória de mais de seis décadas no teatro brasileiro.

A primeira montagem foi lançada em 2022. Menos de três anos depois, a obra retornou aos palcos em nova versão, integrando o projeto de circulação nacional. A dramaturgia reúne

fragmentos literários, referências musicais e trechos de textos de diferentes autores, compondo uma estrutura que articula múltiplas vozes.

O encerramento da turnê em Brasília marca o retorno ao local onde o espetáculo foi concebido. A apresentação na Sala Martins Pena, espaço do Teatro Nacional, insere a produção local em um dos equipamentos culturais da capital. A circulação foi viabilizada por política pública de fomento cultural do Distrito Federal.

40 anos de vida nas artes cênicas

Autora é jornalista, atriz, bailarina, diretora, produtora e gestora cultural

Cláudia Andrade atua há mais de quatro décadas nas áreas de artes cênicas, audiovisual e produção cultural.

Formada em jornalismo e comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), desenvolveu atividades no Brasil e no exterior, com passagens por países como Estados Unidos, França, Itália, Alemanha e Suíça. Trabalhou como atriz, bailarina, diretora, produtora e gestora de projetos culturais.

Grandes estúdios

Ao longo da carreira, participou de produções ligadas a estúdios como Paramount, Gaumont e Zoetrope, além de projetos para

televisão e cinema no Brasil e no exterior.

Também atuou em coberturas jornalísticas para emissoras e agências internacionais.

Sua formação inclui estudos em dança, teatro físico, performance e dramaturgia com profissionais do Brasil e de outros países.

“Trilhas, Noite Cheia de Lua de Sol” reúne essa trajetória na função de idealizadora, dramaturga, diretora e atriz.

Após as apresentações em Brasília, o projeto prevê, em abril, a realização de oficinas e debate sobre circulação teatral no país, ampliando as ações vinculadas à turnê.



Luiza Palhares

Cláudia Andrade: mais de quatro décadas dedicadas às artes

SEXTOU! UM DF DE

SHOW

Solo Brasil retorna aos palcos

✳Conduzido pelo Grupo Solo Brasil e pela cantora Maria Eugênia, o espetáculo “Solo Brasil – Uma Viagem Através da Música do Brasil” chega a Brasília em apresentação gratuita no dia 1º de março, às 17h30, na Casa Thomas Jefferson. Integrando o Festival MPB em Série, o show reúne narrativa, música e projeções para percorrer a história da canção brasileira. A entrada é franca, com doação de alimentos para a campanha Fieg+Solidária.

Ana Cañas

✳A cantora Ana Cañas apresenta o show “Pra Cantar Junto” em Brasília no dia 5 de março, às 20h, no Teatro dos Bancários, dentro da 41ª edição do ArteFato, em celebração ao Dia Internacional da Mulher. Com entrada gratuita via Sympla, o espetáculo reúne sucessos autorais e homenagens a ícones da música brasileira, com abertura do trio Soul do Quadrado.



Divulgação

Espectáculo celebra 26 anos de trajetória do grupo

TEATRO

Festival Dulcina

✳O Festival Dulcina abre inscrições para a 4ª edição e convida artistas e grupos do DF e da RIDE a participarem da seleção oficial. As inscrições são gratuitas, de 2 a 16 de março de 2026, pelo site oficial. Realizado em Brasília, com apoio do Fundo de Apoio à Cultura, o evento homenageia Dulcina de Moraes e selecionará oito espetáculos locais, com premiações em dinheiro. A programação ocorre de 14 a 23 de maio no Teatro SESC Paulo Autran.

“10 mil passos por segundo”

✳O Grupo Tripé estreia “10 mil passos por segundo” de 12 a 22 de março no Teatro Galpão Hugo Rodas, no Espaço Cultural Renato Russo, em Brasília. A montagem investiga o movimento como marca do presente, com três intérpretes em trajetórias físicas e narrativas sobre pressa, espera e deslocamento. Com direção de Tatiana Bittar, a temporada tem sessões com Libras e audiodescrição, ingressos populares e ações formativas para escolas públicas do DF.



Divulgação

Festival Dulcina abre inscrições

Complexo Cultural Samambaia, em Samambaia. Artistas e coletivos podem se inscrever até 8 de março; o projeto escolhido receberá cachê de R\$ 15 mil. A iniciativa valoriza artistas do DF, com prioridade para residentes na região, e integra programação gratuita de 11 a 25 de abril.

8º Bonecos de Todo Mundo

✳De 9 a 22 de março, o Festival Bonecos de Todo Mundo ocupa Taguatinga com 22 apresentações de teatro de bonecos, rodas de conversa e atividades em escolas públicas. A progra-

mação acontece no Teatro Yara Amaral e no Taguaparque, reunindo artistas do Brasil e do exterior, além de shows de Bruna Black e Catto. A edição celebra o protagonismo feminino e tem entrada gratuita, com acessibilidade e retirada de ingressos pela Sympla.

Comédia “Misticismo”

✳A Cia. Os Melhores do Mundo apresenta o espetáculo Misticismo em Brasília, com sessões no Teatro da Caesb no sábado (21h) e domingo (20h). A montagem mistura humor e crítica ao ex-



Divulgação

II Festival de Teatro Verônica Moreno

plorar fenômenos paranormais, seitas e crenças populares, com improviso e interação com o público. Com classificação de 14 anos, o espetáculo reafirma o estilo irreverente do grupo, que celebra três décadas de carreira com repertório autoral e milhões de espectadores. Ingressos pela Bilheteria Digital.

Espectáculo do “Elo”

✳O espetáculo DO ELO aborda as marcas da violência de gênero por meio da história de dois personagens que expõem tensões do cotidiano e pro-

vocam reflexão social. Dirigida por Vanessa Di Farias, a montagem circula por escolas de Sobradinho em 26 e 27 de fevereiro, com sessões para estudantes. A obra propõe debate sobre desigualdade e cidadania feminina, unindo arte e educação para estimular consciência crítica e enfrentamento dos ciclos de violência.

LITERATURA

Livro sobre samba

✳A pesquisadora Júlia Gunesch lança o livro Processos

III Festival de Teatro

✳O Festival de Teatro Verônica Moreno abre inscrições para selecionar a exposição artística da 3ª edição, prevista para abril no

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Divulgação

Brasília recebe shows gratuitos de Ana Cañas



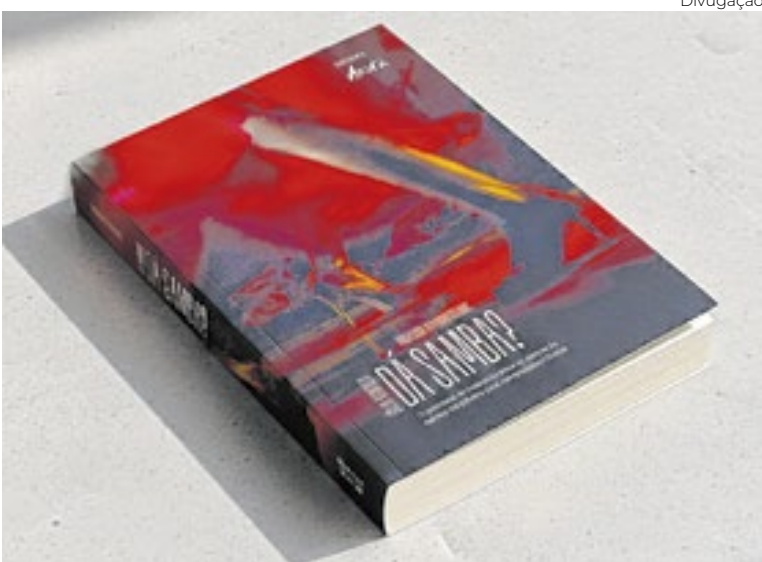
Divulgação

Espectáculo “10 mil passos por segundo”



Divulgação

Espectáculo “10 mil passos por segundo”



Divulgação

Espectáculo “10 mil passos por segundo”

Criativos Teatrais: Dá Samba? em 27 de fevereiro, das 19h às 0h, na Cia Lá na Dança, em Brasília. A obra investiga como o samba de gafieira pode gerar criação cênica. O evento tem conversa, intervenção dançada e discotecagem, com entrada livre.

5ª Edição com feira literária

✦ Em 28 de fevereiro de 2026, o Ateliê Umbigo de Eros, na 716 Norte, em Brasília, realiza a 5ª edição do Quintal Cultural, das 9h às 19h, com entrada gratuita. O evento reúne arte, saúde e comunidade em um jardim acolhedor, com vivências de arteterapia, atividades somáticas, feira literária com autoras locais, consultas holísticas a valores sociais, café, programação cultural de diversas vertentes e espaços de convivência voltados ao bem-estar, à criatividade e à troca de saberes entre participantes.



Divulgação

Quintal Cultural celebra 5ª Edição com feira literária

Renato Russo, em Brasília. A caminhada sonora percorre a W3 Sul com áudios acessados por QR codes, unindo escuta, memória e cidade. Criado pelo Coletivo Transverso e pela Andaime Cia de Teatro, o percurso convida o público a vivenciar a avenida como experiência poética e sensorial.

Capacitação de técnicos

✦ O Distrito Drag recebe inscrições até 28 de fevereiro para curso gratuito de técnico de som, com aulas em março, em Brasília. Ministrada por Mar Nóbrega, a formação integra a plataforma Qualifique-se + e oferece certificação para quem alcançar 75% de presença. A iniciativa busca ampliar o acesso à economia criativa e fortalecer a cena cultural local, com realização do coletivo e apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF. Inscrições on-line.

Sabadinho Divertido

✦ O projeto Sabadinho Divertido leva espetáculos infantis gratuitos ao Venâncio Shopping, em Brasília, sempre aos sábados, às 14h. A programação geral é comandada pela Cia Teatral Néia e Nando, com montagens interativas inspiradas em clássicos e histórias educativas sobre amizade, escolhas e convivência. Voltada para toda a família, a temporada reúne fantasia, humor e participação do público, reforçando o acesso à cultura e o contato das crianças com o teatro em ambiente acessível.

PROJETO

Escrita criativa

✦ A Oficina de Escrita Criativa: Roteiro e Dramaturgia, ministrada por Dimis, acontece em 28 de fevereiro na CAIXA Cultural Brasília, em Brasília, com participação gratuita e 30 vagas. A atividade propõe imersão prática na criação de narrativas para teatro, audiovisual e podcasts, com exercícios, análise e desenvolvimento de cenas. Integrando a temporada de “Humanismo Selvagem”, a oficina apresenta processos reais de escrita e incentiva participantes a explorar sua própria voz autoral.

“Cada Caminho é um Poema”

✦ O projeto Cada Caminho é um Poema – Edição Relicário promove visita guiada gratuita em 28 de fevereiro, às 16h20, com saída do Espaço Cultural

Por Mayariane Castro

O livro de fotografias “Escola em Casa: Sentimentos Presenciais”, da artista Zélú, será lançado no dia 13 de março no Espaço Cultural Renato Russo, em Brasília.

O projeto inclui uma exposição com 11 imagens, em cartaz de 5 a 13 de março no mezanino do espaço cultural.

A iniciativa foi realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal.

Publicado pela Editora Mercurio, o livro reúne 80 fotografias produzidas entre 2020 e 2025 em escolas e universidades públicas das cinco regiões do país.

O trabalho começou durante o período de suspensão das aulas presenciais em razão da pandemia de Covid-19 e se estendeu ao retorno das atividades nas instituições de ensino.

O que estão sentindo?

A proposta do projeto partiu da pergunta “O que vocês estão sentindo hoje?”, direcionada a estudantes e professores ao longo do processo de criação.

A partir das respostas, que incluíram relatos de tédio, medo, sono, incerteza e expectativa, a fotógrafa desenvolveu uma série de imagens que articulam registro documental e encenação.

As fotografias abordam experiências vividas pela comunidade escolar durante o ensino remoto e a retomada das aulas presenciais.

Entre 2020 e 2025, Zélú percorreu instituições públicas em diferentes estados. Com câ-



Fotos expressam os sentimentos em tempos de escolas vazias

O desafio da educação na pandemia

Publicação de Zélú e exposição apresentam imagens produzidas em escolas durante a Covid-19

mera e caderno, registrou cenas construídas em diálogo com estudantes e docentes. As imagens incluem carteiras empilhadas, corpos em performance e gestos que remetem ao cansaço e à reorganização do cotidiano escolar. O trabalho combina fotografia e intervenção performática para tratar das transformações no ambiente educacional durante o período.

Sentimentos presenciais

Com o retorno das aulas presenciais, a artista criou o “caderno de sentimentos presenciais”, que circulou por turmas em cidades como Belém, Brasília, Contagem, Fortaleza, Guarulhos, Porto Alegre, Salvador e São Paulo. O material reuniu relatos escritos por estudantes sobre experiências relacionadas

à pandemia e a temas do cotidiano escolar. Entre os assuntos mencionados estão transfobia, assédio, aborto, governo e o Sistema Único de Saúde (SUS).

Os textos do caderno passaram a integrar o projeto e contribuíram para a edição do livro. A publicação articula fotografias e fragmentos de escrita produzidos ao longo da circulação.

Imagens e registros de sentimentos

Pânico, ansiedade, desconforto, insegurança. O que as pessoas sentiram quando estavam isoladas?

Segundo a autora, a intenção foi reunir registros que documentassem a vivência da educação pública no período e compusessem uma memória coletiva sobre o tema.

A exposição apresenta parte do material publicado. A curadoria é de Bruna Paz, historiadora e arte-educadora, que também conduz a palestra “Educar em Meio à Crise: Arte e escola na pós-pandemia” no dia do lançamento, das 19h às 21h, na Praça Central do Espaço Cultural Renato Russo. A mostra pode ser

visitada de segunda a sábado, das 10h às 22h, e aos domingos e feriados, das 10h às 20h.

O projeto articula fotografia, performance e escrita coletiva como formas de registro da experiência educacional durante a crise sanitária. A produção foi viabilizada por meio de edital público de fomento à cultura no Distrito Federal. A iniciativa integra ações voltadas à difusão artística e à reflexão sobre políticas públicas de educação.

Zélú desenvolveu o trabalho ao longo de cinco anos, acompa-

nhando mudanças no funcionamento das escolas e universidades públicas. O período contemplado pelo projeto abrange o ensino remoto emergencial, as adaptações para atividades híbridas e o retorno integral às aulas presenciais. A circulação pelas instituições resultou em um acervo que documenta práticas pedagógicas, reorganização de espaços e manifestações de estudantes.

A proposta do livro e da exposição é registrar o impacto da pandemia na educação pública brasileira a partir da escuta de estudantes e professores. Ao transformar relatos em imagens e publicação impressa, o projeto busca consolidar um conjunto de memórias produzidas no ambiente escolar nesse período.



A vida remota: sentimentos difusos do isolamento



MERCADO
CADA VEZ MAIS
ANIMADO

Estima-se que **três longas animados derrotem** filmes de carne e osso no **pódio da bilheteria de 2026**, num momento em que **o setor ocupa** festivais e o Oscar **com títulos multiculturais**. Páginas 2 e 3